

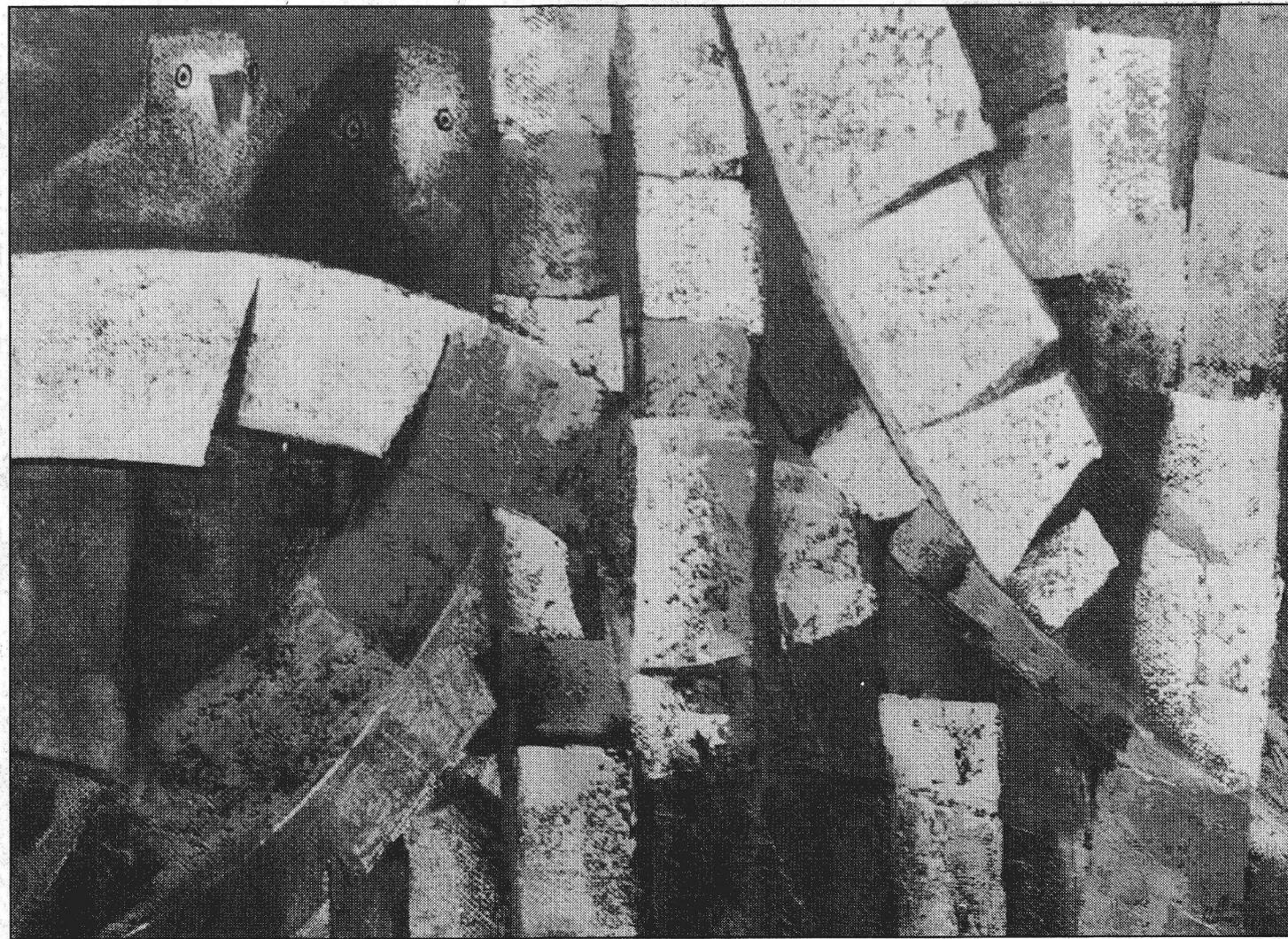
O Moderno e a tradição na obra de Quimbita

Artista equatoriano expõe pela primeira vez no Brasil

Quem quiser conhecer um pouco a pintura moderna equatoriana, que reúne tradição e contemporaneidade, não pode deixar de visitar a Casa da Cultura Latino-Americana (SCS- Ed. Anapólis, subsolo). Lá, o artista plástico Olmedo Quimbita, 27 anos, expõe 23 óleo sobre telas, numa mostra que poderá ser vista do dia 26 ao dia 11 de maio, numa promoção da Embaixada do Equador no Brasil.

Gente e papagaios — Quimbita não fala português, mas com a ajuda do encarregado de assuntos consulares da Embaixada do Equador, Álvaro García G., explica que a temática central do seu trabalho é o ser humano. Gente e bichos, mais especificamente, papagaios e galos, com uma opção maior pelos papagaios. “As cores desses dois animais me fascinam. É por isto que eu gosto de pintá-los, junto com figuras humanas”.

O que fascina em Quimbita artistas são as cores dos bichos. A sua pintura, revela, tem muita cor. “Tem as cores do Brasil. Eu gosto daqui por causa das cores, especialmente. Defino a minha pintura como tropical, em função mesmo do uso das cores, da in-



tensidade de luz, enfim, da manifestação viva da natureza. A minha pintura se identifica com as cores do Brasil e com o lado mágico da cultura latino-americana como um todo”.

Criar é o que interessa — Olmedo tem uma admiração especial — e natural —

por Pablo Picasso. “A exemplo de Picasso”, diz, “eu não estou interessado em copiar nada. Eu quero inventar”. A frase do jovem pintor equatoriano lembra a polêmica que Picasso travou em vários aparelhos do PCF-Partido Comunista Francês, nos anos 50. Fugindo do franquismo na Espanha — dita-

dura do general Francisco Franco — Picasso adotou a França como a sua segunda pátria. Eram os tempos da imbecilidade chamada “Realismo Socialista”.

Pois bem. Comunista de carteirinha, Picasso era visto como um rebelde pelos zelosos agentes de Joseph Stalin, interessados

no sucesso orgânico do tal “Realismo Socialista”. Picasso desabafou, num desses enfadonhos debates: “Não me interessa copiar a natureza. Eu quero é criar”.

“A pintura é uma tradição no Equador. À nós, pintores contemporâneos, cabe o trabalho de unir tradição e modernidade. Eu, particularmente, gosto de pegar esses dois valores, com seres humanos ou animais, e criar em cima, descobrindo formas novas, através de um processo de investigação própria”, diz o pintor.

Curitiba — De Brasília, a mostra de Quimbita vai para Curitiba (PR), na segunda quinzena de maio. Ele vem expondo numa série de cidades (e países), como Assunção, no Paraguai; Colômbia e Venezuela. Prêmio da Universidade do Equador, Olmedo diz que encara o sucesso com “naturalidade, uma consequência do conhecimento do meu trabalho, que é bom”, assegura, sem falsa modéstia.

Além de Picasso, ele cita como mestres da pintura Jesus Soto, da Venezuela, e Osvaldo Guaysamin, do Equador. Todos eles unem modernidade e tradição, acrescenta: “No meu caso, sou grato ao governo do meu país, por me proporcionar oportunidades como esta, de expor em Brasília, no Brasil. Sou grato por esta oportunidade, também, ao jornal **CORREIO BRAZILIENSE**”.

Olmedo começou a pintar desde menino. “A pintura em mim é nata. Quando desperdei para o mundo, como se diz, já tinha a pintura como algo inseparável da minha vida. Eu prefiro óleo sobre tela por ser o material que mais se identifica com a minha maneira de ser. É a minha maneira de ser, de trabalhar, é elegante e espontânea,” concluiu.

■ **José Menezes de Moraes**